

LINGUASAGEM

MASH-UPS LITERÁRIOS: PRODUÇÃO EM COAUTORIA?¹

Clarissa Neves CONTI²

Resumo

Procuramos, neste trabalho, apoiados em princípios da Análise do discurso, empreender um breve levantamento das estratégias editoriais utilizadas na produção das remixagens segundo a lógica do *mash-up*, nas quais, pelo tratamento linguístico, tentamos depreender a projeção discursiva do leitor pressuposto pelos adaptadores e editores de *mash-ups* literários. Apresentamos, assim, uma das estratégias empregadas na produção e circulação dos novos textos, a saber, a simulação de uma produção colaborativa representada pelo indício da autoria em parceria entre o autor clássico e o novo autor. Observamos que o regime de funcionamento da autoria desses *mash-ups* literários reproduz metonimicamente não apenas a liberdade do exercício da mixagem, mas também reproduz uma lógica própria da pós-modernidade, cujas misturas são dessacralizantes uma vez que colocam lado a lado, simulando não haver diferenças, ou demonstrando uma indiferença em relação aos padrões culturais de outros tempos, objetos da cultura erudita e da cultura *pop*.

Palavras-chave: *Mash-ups* literários; Adaptação; Jovens leitores; Cânones; Cultura pop.

Abstract

Being based on the principles of Discourse Analysis, we seek with this work to undertake a brief survey of the editorial strategies used in the production of remixes according to the logic of the *mash-up*, in which, in which, through linguistic treatment, we try to understand the discursive projection of the assumption reader by the adapters and editors of literary *mash-ups*. Thus, we present one of the strategies used in the production and circulation of the new texts, namely the simulation of a collaborative

¹ Este artigo é oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso: *Mash-ups literários: Uma análise das representações discursivas do novo autor/novo leitor brasileiro contemporâneo*, orientado pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, e realizado no quadro do Projeto “Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do leitor brasileiro na mídia Contemporânea” (FAPESP, 2010/16139-0).

² Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguística desta mesma universidade. É membro do LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura –UFSCar/CNPq. Contato: clarisconti@gmail.com

production represented by the indication of authorship in partnership between the classical author and the new author. We observed that the regime of operation of the authorship of these literary mash-ups reproduces metonymically not only the freedom of the exercise of mixing, but also reproduces a proper logic to postmodernity, whose mixtures are desecrating once that they put side by side, simulating there are no differences, or demonstrating an indifference to the cultural patterns of other times, objects of erudite culture and *pop* culture.

Keywords: Literary mash-ups; Adaptation; Young readers; Canons; Pop culture.

Das adaptações aos *Mashups*: mudanças técnicas e autoria

Ao fazer a história das práticas de leitura, Roger Chartier, bem como outros historiadores que se ocuparam dessa temática, aborda a questão das mutações de tais práticas ao longo da história. No entanto, ele destaca que há uma distinção importante entre as revoluções na leitura (aquelas que atingem as maneiras de ler, como a passagem do rolo para o códex, por exemplo) e as evoluções técnicas que implicaram novas formas de produção e circulação dos objetos de leitura, como é o caso da invenção da prensa. Tais mudanças técnicas, ainda que afetem a oferta de textos e seus modos de produção, não são sempre significativas a ponto de alterar o modo como são lidos os textos, ou seja, não influenciam profundamente os modos de ler. Não há, portanto, uma relação de causa e consequência (imediata e infalível) entre as mudanças nas formas de produção dos textos e as revoluções nos modos de ler.

As mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo desde o fim do século XX, discutidas por diversos estudiosos, inclusive pelo próprio Chartier, buscam ainda apreender a possível revolução nas maneiras de ler inaugurada com a passagem da leitura do impresso para a leitura do texto na tela. Apesar de a leitura na tela ser foco de atenção há algum tempo, encontramos-nos ainda numa fase transitória e, por isso, o território se apresenta ainda instável. Isso significa que a cultura digital e a cultura impressa coabitam um mesmo tempo e espaço, sendo que esta última tem muita força em nossa cultura. Prova disso é que a leitura na tela, embora esta venha se especializando cada vez mais com a criação de dispositivos específicos para essa atividade, parte de uma organização do texto eletrônico que se configura basicamente como uma transposição do impresso para a tela, salvos os casos de construção de narrativas não-lineares produzidas estritamente no e para o meio digital (cf. BEIGUELMAN, 2003; AMERIKA, 2006; MANOVICH, 2006).

Tendo isso em vista, buscamos contribuir com os estudos que voltam sua atenção para as práticas de leitura, especialmente aqueles que observam a influência das mudanças técnicas ou tecnológicas nas mudanças das práticas sociais. Assim, com vistas a empreender essa análise, tomamos como objeto de estudo os *mash-ups literários*, que são um interessante exemplo desse momento de convivência entre cultura digital e cultura impressa. Ao mesmo tempo em que eles representam a força e o valor simbólico do impresso, representam também o impacto da cultura digital na cultura impressa, uma vez que as fórmulas editoriais se apropriam de um fenômeno próprio da web (as *fan fictions*).

Nosso objetivo, dentro dessa perspectiva e, voltando nosso olhar para as práticas de leitura e os leitores, é o de observar de que modo se dá a mistura do cânone, clássico, com o *pop*, o novo na produção desses objetos culturais de origem híbrida, oriundos da confluência de traços e de aspectos da cultura impressa e da cultura digital. Em razão disso, nosso *corpus* constitui-se das obras *Dom Casmurro e os discos voadores* e *O alienista caçador de mutantes*, ambos da coleção *Clássicos Fantásticos* da Editora Leya, os quais são comparados com as obras originais *Dom Casmurro* e *O Alienista*, de Machado de Assis.

Como aporte teórico nos valemos da articulação entre os princípios da História Cultural da Leitura, especialmente o conceito de *apropriação* tal como discutido por Roger Chartier (1999a; 1999b), e a perspectiva teórica da Análise de Discurso de orientação francesa, mais precisamente na teoria de Michel Foucault, com os conceitos de *arquivo* e *formação discursiva*. Há, segundo Roger Chartier duas direções que podem ser tomadas para a compreensão da noção de apropriação. A primeira refere-se ao ato de apropriar-se, estabelecer propriedade, no sentido de tomar posse, controlar – ele afirma que esse sentido está relacionado com os dispositivos de controle da formulação e circulação dos discursos descritos por Foucault em textos como *A ordem dos discursos*. A segunda noção é a apropriação no sentido dos usos e interpretações, “que consiste no que os indivíduos fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos” (CHARTIER, 1999a, p. 67).

Para fazer uma história das práticas de leitura, ou seja, das formas de apropriação dos textos, o autor aponta duas fontes de que se vale em sua pesquisa histórica para descrever essas formas diversas de apropriação. Segundo ele, é preciso dedicar “uma dupla atenção: à materialidade dos objetos escritos e aos gestos dos

sujeitos leitores” (CHARTIER, 1999b, p. 124). Trata-se então de, por um lado, olhar para os objetos produzidos para uma determinada comunidade de leitores e, nesses objetos, identificar as manobras feitas na forma como o texto é apresentado e que apontem para uma certa representação do leitor ali pressuposto; e, por outro lado, observar os usos e interpretações que os leitores fazem daquilo que leem, a partir dos registros deixados por estes sobre suas práticas.

Em nossa análise, focalizamos as estratégias editoriais utilizadas na produção dos novos textos, nas quais, pelo tratamento linguístico, tentamos depreender a projeção discursiva do leitor pressuposto. Em seguida, voltamo-nos para os depoimentos dos leitores a respeito das obras e, na articulação entre esses dois modos de proceder, vemos a circulação de discursos sobre a leitura correntes em nossa cultura, os quais nos são interessantes para a discussão aqui proposta.

A respeito dos mash-ups literários

O termo *mash-up*, que numa tradução literal significaria algo como “triturar” ou “amassar”, conota em português o sentido de ‘misturar’, e representa uma prática muito própria da atualidade: a da cultura da mixagem. A prática de produção de *mash-ups*, em sentido lato, se não é necessariamente originária da cultura digital, é, no entanto, uma de suas marcas. Na cultura digital, surge mais especificamente a partir dos avanços da informática e da difusão da Internet que permitiu e expandiu a prática da “mistura” ou da “junção” de dados de aplicativos da Web empregados para a produção de um outro produto ou aplicativo individual. Esse tipo de produção coletiva, ainda no campo da computação e da cultura digital, expandiu-se para a música eletrônica, nas mixagens feitas por DJs que, misturando duas ou mais músicas diferentes, geralmente de gêneros distintos, produzem uma nova música.

O conceito de *mash-up* consiste, de acordo com Lev Manovich (2007), na mistura, junção ou colagem de dois ou mais produtos de gêneros distintos que resulta num produto individual com características próprias. Dessa forma, pode ser empregado não apenas para se referir à produção de aplicações para web, ou à mixagem de músicas eletrônicas, mas a diversas outras áreas da produção cultural e artística, como o *design*, a moda, a fotografia e a literatura. Enquanto prática comum à cultura digital, o *mash-up* aproxima-se de outra prática muito proliferada na web entre os jovens nas últimas décadas, a saber, a produção de *fan fictions*. Nessas produções, os jovens amadores apropriam-se do universo, das personagens, das características de uma determinada

narrativa com a qual se identificam e passam a produzir seus próprios conteúdos, expandindo as possibilidades e o universo ficcional da obra original e fazendo uma mixagem com outros elementos da cultura pop.

Henry Jenkins, em sua obra *Cultura da convergência*, aborda as transformações midiáticas e as mutações na forma de participação propiciadas pelas tecnologias contemporâneas. O autor apresenta a prática da criatividade alternativa como uma referência às novas práticas culturais possibilitadas pelas tecnologias contemporâneas, ainda que a produção amadora em si não seja uma prática recente, uma vez que já no século XIX a produção de artistas populares já era valorizada. Nas produções contemporâneas, no entanto, ampliam-se as possibilidades de participação e compartilhamento proporcionadas pelo ambiente da *web*.

Os chamados *mash-ups* literários publicados na forma impressa, por sua vez, são fruto do impacto dessa cultura digital sobre a cultura impressa – as formas de produção e apropriação típicas da *web* e características das *fan fictions* são reapropriadas pela indústria cultural, que faz deles produtos comerciais, como mais um objeto de consumo, simulando as práticas espontâneas de produção de textos oriundas da cibercultura e de uma cultura de mixagem, bem como da produção colaborativa que lhes seria característica. Dessa forma, os *mash-ups* literários, publicados sob a forma de livro por uma instituição editorial, ainda que representem tais elementos das produções colaborativas e de mixagem pertinentes ao ambiente digital, apenas simulam uma produção espontânea e coletiva uma vez que são feitos sob encomenda por parte do editor a profissionais da escrita os mais diversos, além de terem como base uma obra clássica que já se encontra em domínio público. A aparente fluidez, liberdade e espontaneidade que caracterizam as produções amadoras dos fãs na cultura do *mash-up* perdem-se quando essas produções passam a ser produto comercial da indústria corporativa, segundo a qual as obras são submetidas à mesma lógica (e passam a ter o mesmo estatuto comercial e jurídico das demais obras do catálogo) e por isso a compartilhar dos mesmos limites e restrições das obras produzidas de forma tradicional, tais como as questões de direitos autorais, por exemplo.

Um exemplo dessa forma de produção que mimetiza o resultado da prática coletiva de produção dos *mash-ups* literários é aquela dos *mash-ups* brasileiros publicados pela editora Leya. Todos os quatro títulos da coleção *Clássicos Fantásticos* são produzidos por autores jovens, profissionais da escrita, em sua maioria, e que já fazem parte da indústria do entretenimento (todos são roteiristas de TV e, mais

especificamente, relacionados a programas humorísticos). Essas características dos autores a quem são encomendados os *mash-ups* literários são emblemáticas das escolhas que eles fazem do que misturar, oriundo da cultura pop, aos textos canônicos da literatura clássica brasileira, produzindo sobre os leitores os mesmos efeitos visados com os telespectadores de programas televisivos ou de filmes.

Como vimos, então, a história cultural da leitura fornece-nos duas maneiras de se empreender um estudo das práticas de leitura e das representações do leitor. A principal perspectiva que tomamos como base para a análise de textos dos *mash-ups* literários é aquela segundo a qual, é preciso observar os objetos culturais produzidos para um certo grupo (a partir do imaginário que se tem desse grupo) e para os próprios textos e, neles, buscar identificar as estratégias de escrita que iniciem as representações que são feitas de seu leitor ou, nas palavras da ordem mercadológica, de seu público-alvo.

Uma estratégia editorial: a produção em coautoria

Com o objetivo de compreender algumas dessas mutações das práticas de escrita e de leitura na atualidade, buscamos levantar algumas representações discursivas presentes nos textos produzidos segundo a prática do *mash-up*. No presente trabalho, apresentamos uma das estratégias editoriais utilizadas na publicação da coleção *Clássicos Fantásticos*. Nosso objetivo é poder levantar um dos indícios de uma certa representação de leitor pressuposta por essas obras e responder à questão: que mudanças nas formas de enunciar podem indiciar traços do perfil do leitor jovem e contemporâneo?

Nas obras analisadas, bem como nos outros textos da coleção, a autoria da obra é atribuída tanto ao autor do cânone quanto ao autor contemporâneo que produziu a “nova versão”. Essa autoria é apresentada da seguinte forma: “Machado de Assis & Lucio Manfredi”, no caso de *Dom Casmurro e os Discos Voadores*, e “Machado de Assis & Natalia Klein”, em *O alienista caçador de mutantes*.

O nome do autor dos originais aparece em destaque, posicionado acima do outro nome e escrito com uma fonte maior em relação ao nome do segundo ‘autor’. O segundo nome, por sua vez, aparece abaixo do primeiro e num tamanho reduzido, é precedido pela conjunção “e”, indicando então sua coautoria. Essa autoria dupla, atribuída tanto ao autor do texto original quanto ao autor que faz a mistura e adaptação do texto, aponta algumas características que dizem respeito à dinâmica do mercado

editorial contemporâneo. Por um lado, trata-se de uma estratégia editorial e mercadológica que busca dar visibilidade ao livro a partir do nome daquele autor já consagrado na literatura nacional, o que explica o destaque dado a esse nome na capa.

Essa visibilidade que é atribuída ao nome dos autores canônicos em nossa sociedade se explica segundo as discussões feitas por Michel Foucault (2006; 2009) a respeito do funcionamento do nome do autor, quando ele delimita o conceito de *função-autor*. A função-autor é apresentada pelo autor como um dos princípios de controle e rarefação do discurso, definida “como um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações” (FOUCAULT, 2009, p. 29). Em primeiro lugar, ele recorre a uma perspectiva semântica da produção de sentidos, dizendo que em uma certa medida, o nome do autor funciona como uma descrição, isto é, o nome de um autor remonta a toda a rede de sentidos associados a ele em uma certa sociedade, bem como aos valores atribuídos a eles. No entanto, para além dessa visão referencial, Foucault (2006) ressalta que um nome de autor não é apenas um elemento em um discurso, “ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros” (FOUCAULT, 2006, p. 273).

Dessa forma, apresentar o nome de Machado de Assis, ou dos outros autores cujas obras foram adaptadas, é uma estratégia que está condicionada por esse funcionamento do nome do autor em nossa sociedade e cultura contemporâneas. Indicar que uma obra foi escrita por um certo autor, ainda que esse texto não tenha sido de fato escrito pelo autor a quem é atribuído, ou que o texto tenha sofrido modificações, é indicar que

esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de *uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status* (FOUCAULT, 2006, p. 274, grifo nosso).

Uma outra inferência que se pode fazer pela atribuição da dupla autoria para a versão remixada, é, talvez, contraditória em relação à estratégia anterior. O nome do segundo autor aparece também na capa (embora com destaque significativamente inferior), uma vez que é ele quem passa então a responder juridicamente pela obra ‘reeditada’. Aqui, estabelece-se, então, uma diferença entre o autor do cânone, que seria

responsável pela “essência” da obra, e o autor do texto manipulado, que aparece como autor no sentido jurídico da palavra.

Claramente, os direitos autorais não poderiam ser atribuídos ao legado de Machado de Assis, uma vez que toda sua obra encontra-se em domínio público – assim como todos os outros textos e autores que compõem essa coleção. Se, como aponta Foucault (2006), o nome de um autor, tal como concebido na sociedade ocidental contemporânea, representa a coerência de um conjunto de textos, bem como o status desses textos em uma sociedade e em uma cultura, a referência a Machado de Assis é uma forma de validar, de dar coerência a um dado texto em sua relação com os demais, com os quais faz conjunto ou dos quais se distingue, ao mesmo tempo que permite explorar, de forma derrisória, esse capital simbólico do autor, quando de sua mixagem com uma narrativa ‘fantástica’, sob o rótulo de uma nova versão da obra clássica.

Considerações finais

Procuramos, neste trabalho, fazer um breve levantamento das estratégias editoriais utilizadas na produção das remixagens segundo a lógica do *mash-up*, nas quais, pelo tratamento linguístico, tentamos depreender a projeção discursiva do leitor pressuposto. Apresentamos, assim, uma das estratégias empregadas na produção e circulação dos novos textos, a saber, a simulação de uma produção colaborativa representada pelo indício da autoria em parceria entre o autor clássico e o novo autor.

As adaptações, que envolvem diversas estratégias editoriais, como modificações no enredo, a “atualização” do léxico, a inserção de um tom humorístico, além da mixagem propriamente dita, e da maneira como se apresenta o nome do autor do cânone, promovem, em seu conjunto, uma espécie de aproximação a produções audiovisuais a que os leitores pressupostos já estariam bastante familiarizados. A estratégia de se apresentar dois nomes distintos, o clássico e o novo, como responsáveis pela autoria atende tanto a necessidades mercadológicas como à justificativa da importância de se ler os clássicos nacionais – assim, mobiliza o discurso das leituras obrigatórias dos clássicos nas escolas, mas também busca atrair o interesse do leitor jovem pela presença do novo. Esse tipo de estratégia carrega em si o discurso de que a leitura é e tem de ser apenas uma atividade de prazer, e levanta o pressuposto de que ela deveria ser uma atividade boa por si só, uma vez que contrapõe a noção de leitura a partir dos conceitos de “bom x ruim”, isto é, a leitura clássica, associada à escola,

considerada como maçante (embora ainda necessária), em contraposição à transformada em leitura divertida, fluida, porque nova.

Além disso, esse tipo de produção se aproxima também do universo do leitor ao se valer da lógica da produção colaborativa que simula a produção alternativa espontânea de narrativas na Web. Se o escritor que faz a “versão fantástica” da obra também é identificado como autor, embora não seja autor no sentido canônico, ele é o autor, que goza dos direitos sobre a propriedade intelectual dessa publicação. Assim, o regime de funcionamento da autoria desses *mash-ups* literários reproduz metonimicamente não apenas a liberdade do exercício da mixagem, mas também reproduz uma lógica própria da pós-modernidade, cujas misturas são dessacralizantes uma vez que colocam lado a lado, simulando não haver diferenças, ou demonstrando uma indiferença em relação aos padrões culturais de outros tempos, objetos da cultura erudita e da cultura *pop*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.

BRITTO, Luiz P. L. Leitura e Política. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 75 – 91.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. São Paulo: Artmed, 1999a.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores “populares” da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999b. (Volume 2). p. 117-134.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª ed. Brasília: Editora UNB, 1999c.

CHARTIER, Roger. Morte ou transfiguração do leitor. In: **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, M. B. (Org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos – Volume III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. **What comes after remix?**. 2007. Disponível em: <<http://www.manovich.net/articles.html>>. Acesso em: 6 out. 2012.

MANOVICH, Lev. **Who is the author?** 2002. Site pessoal. Disponível em: <http://manovich.net/content/04-projects/033-models-of-authorship-in-new-media/32_article_2002.pdf>. Acesso em: 26 out 2014.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS ANALISADAS

MANFREDI, Lucio; ASSIS, Machado. *Dom Casmurro e os discos voadores*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

KLEIN, Natália; ASSIS, Machado. *O Alienista caçador de mutantes*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

Como referenciar este artigo:

CONTI, Clarissa Neves. Mash-ups literários: produção em coautoria. In: **revista Linguasagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 80-89.